

PATOLOGIAS INTERACCIONAIS NA FAMÍLIA DO TOXICODEPENDENTE

Dados de um Estudo de Caso

Fernando Nogueira Dias

INTRODUÇÃO

O interesse por este tema radica num pressuposto profundamente sociológico. Quando duas ou mais pessoas comunicam umas com as outras ocorre entre elas uma troca de sinais, ao nível verbal e não verbal, a qual lhes permite a compreensão mútua, quer esta se situe no plano linguístico, quer assente nos códigos que regem a expressão dos sentimentos e dos afectos.

Esta troca, porque assente na partilha colectiva, tem nela as condições autopoieticas que lhe permitem desenvolver uma dimensão supraindividual, síntese do património que cada um dos sujeitos protagoniza no cenário de comunhão, e por isso mesmo não pode deixar de constituir um fenómeno eminentemente social. Deste encontro participativo resulta um processo social que, por sua vez, se consubstancia em actos e processos de comunicação.

A comunicação, resultante desta actividade colectiva, porque reflexiva, condiciona as actividades e a acção de cada indivíduo que faz parte do sistema interaccional. Numa visão sistémica, podemos enunciar o problema da seguinte forma: o processo de comunicação, resultante da interactividade e da partilha, influencia o contexto social em que ocorre, mas este, de igual modo, condiciona o processo de comunicação. Por sua vez, os protagonistas do *entendimento* são inexoravelmente influenciados pelo próprio processo de comunicação.

Tratando-se do processo de comunicação em contexto familiar, podemos considerar este como o conjunto de circunstâncias que formam a estrutura, o meio interno do sistema familiar que suporta os processos de interacção nele ocorridos, tenham eles sido de cariz material, físico, psíquico, afectivo, emocional, social, cultural ou simbólico.

Nesta perspectiva, e de acordo quer com os estruturalistas, quer com os sistémicos, não faz sentido procurar compreender e explicar a pessoa fora do seu contexto familiar. Assim sendo, os comportamentos desviantes, como é, por exemplo, o caso da toxicoddependência, deverão ser lidos à luz do contexto ambiental em que foram gerados e se desenvolveram, sob pena de a eles serem atribuídos significados que pouco ou nada têm a ver com as causas e com as raízes desses mesmos comportamentos.

Tomamos como comportamento desviante todo aquele que infringe determinada norma para a qual o sujeito está orientado. Ou, se quisermos, à semelhança de Jean Stoetzel, pode considerar-se o comportamento desviante como ... *o estado do membro de um grupo que*

se afasta, pelos seus valores, opiniões ou comportamentos das normas sociais do grupo, para além do que ele tolera.

Poderão ser exemplo disto alguns casos de prostituição, homossexualidade, toxicomania, alcoolismo, criminalidade, etc. que, lidos fora do seu contexto, podem ser atribuídos à perversão dos indivíduos, a desequilíbrios mentais, a factores exclusivamente religiosos, económicos, culturais, sociais, etc.

Feita, no entanto, uma leitura correcta destes comportamentos, poder-se-á chegar à conclusão de que o sistema familiar em muito contribuiu para a criação e desenvolvimento dos desvios das normas sociais. Ou então, que a própria sociedade em nada contribuiu para que os seus membros não enveredassem por esse caminho, encontrando outras alternativas e vias de desenvolvimento para as suas vidas. Mais grave: que a própria organização social germinou as condições facilitadoras que impeliram o sujeito para a margem da sociedade. Finalmente, poder-se-á chegar à conclusão de que a explicação para o comportamento desviante radica na interactividade de todas estas variáveis.

Como o conceito de família é fundamental no desenvolvimento deste trabalho, tomámos como *tipo ideal* o núcleo familiar completo, que se caracteriza por uma regularidade de cooperação económica, relações afectivas, transmissão de normas e de saberes e comunhão de valores, inseridos nos limites do espaço residencial, mesmo que desse espaço comunguem outras pessoas, para além do casal e dos filhos por eles gerados ou adoptados.

Neste quadro, a família é perspectivada como sistema dinâmico, visto estar sujeita às mudanças individuais dos seus membros e da sociedade que lhe serve de meio envolvente. A família é, por consequência, um processo interactivo, comunicacional e sistémico, no qual se geram mudanças que a afectam, ao nível da sua estrutura, dimensão, papéis e actividades.

Os resultados deste estudo enquadram-se no plano microsociológico, a que Gurvitch chama *as formas de sociabilidade*, ou seja, o mesmo diz respeito às relações (*raports*) sociais, que se estabelecem entre os membros da família e os laços pelos quais esses membros se ligam ao social global.

PRESSUPOSTOS CONCEPTUAIS

Sendo que, à luz dos pressupostos da *pragmática* da Escola de Palo Alto, a comunicação gera efeitos comportamentais nos indivíduos, e como a comunicação é um processo social, as causas das patologias comportamentais podem ser determinadas a partir das perturbações do processo de comunicação na relação familiar.

Como foi referido, se é verdade que o processo de comunicação permite que emissor e receptor partilhem as suas formas de ser e de estar, as suas afinidades, expectativas,

aspirações, projectos, etc., este processo permite igualmente que na família se evidenciem as diferenças de cada um dos actores em presença. Esta dupla função do processo de comunicação pode dar origem a dois tipos de reacção diferentes.

Por um lado, o que é posto em comum pode levar ao prazer, à alegria de ver nos outros o que é semelhante em cada um de nós; por outro, a emergência das diferenças no processo interaccional pode conduzir, por vezes, à tensão e à angústia, pelos receios ou pelas ameaças que os outros provocam em nós.

Outra dupla função do processo de comunicação diz respeito à ambiguidade. Se, por um lado, neste processo se geram mal entendidos e tensões, que resultam da própria complexidade da comunicação, por outro, também nele se podem clarificar as próprias ambiguidades interaccionais.

Quando na família se evidencia uma tendência para a clarificação da ambiguidade da comunicação, mediante processos de informação e redundância, aumenta a probabilidade de ordem e de equilíbrio no sistema familiar. Quando, pelo contrário, a tendência é para a prevalência e rigidificação dos processos de ambiguidade, aumentam as possibilidades de desordem e de desequilíbrio, conduzindo, não raras as vezes, o sistema familiar à ruptura.

Como no processo de comunicação familiar há sempre diferentes elementos de emergência aleatória que podem facilitar ou dificultar a eficácia da comunicação, a relação familiar acaba por sofrer ou ficar presa às contingências da imprevisibilidade, da complexidade e da ambiguidade, resultantes do campo interaccional.

O prazer e o desprazer, a ordem e a desordem, a simplicidade e a complexidade, a clareza e a ambiguidade são factores que a todo o momento emergem do processo comunicacional, visto que a comunicação é omnipresente na relação familiar.

Todos os elementos que constituem o sistema familiar encontram-se, desta forma, num processo de comunicação constante, já que todas as situações, comportamentos e processos podem ser tidos como comunicação. Mesmo que um deles tentasse evitar o diálogo com outro, fugindo por isso à comunicação, o resultado seria sempre um comportamento de comunicação, já que este teria o valor de mensagem: *estou a comunicar que não quero ou não posso comunicar*.

Este é um princípio básico de toda a interacção humana e valor fundamental da axiomática da Escola de Palo Alto: *não se pode não comunicar*, e, uma vez que *tudo é comunicação*, logo, não existe um não-comportamento. Como os elementos da família estão em permanente relação uns com os outros, dada a constância do processo comunicacional, podemos afirmar que eles se situam num quadro sistémico, e por consequência num campo interaccional de comunicação na relação familiar.

O que se pode, pois, entender por relação familiar? O conceito de relação pode definir-se como a interacção entre, pelo menos, duas pessoas. Ou, por outras palavras, a relação é a resultante das interacções entre duas pessoas, a qual, por sua vez, é a menor unidade concreta de observação sociológica.

A estrutura das relações interpessoais ou grupais não é, porém, definitiva, estática ou fechada; ela é fonte de interinfluências – de interacção. Mas, por sua vez e paradoxalmente, a interacção não obedece ao acaso, à aleatoriedade constante, ao caos e à desordem; estrutura-se e organiza-se em *sistemas de interacções*, como nos refere Jean Piaget. São estes sistemas interaccionais que no decorrer do processo de socialização primária dotarão os indivíduos das competências necessárias e adequadas que lhes permitem viver de acordo com as expectativas sociais.

Uma vez que o ser humano é também ele um sistema aberto, está apto a relacionar-se com os outros e a adaptar-se ao meio social em que está inserido. Por seu lado, a adaptação social do indivíduo prende-se com o processo de socialização, no qual a família tem um papel de primeiro relevo. No entanto, a socialização primária desenvolve-se em função da relação que se estabelece na família, e esta depende do processo de comunicação.

Para além do processo de comunicação como facilitador ou condicionador, a relação familiar pode ser afectada por diferentes variáveis, internas ou externas à família. Quando, por exemplo, uma dessas variáveis afecta a estrutura familiar, devido à morte, à ausência ou à separação de um dos seus membros, o próprio processo de socialização corre o risco de ser posto em causa, com consequências negativas que podem abalar o equilíbrio emocional e afectivo, bem como a estruturação e o desenvolvimento cognitivo do indivíduo.

A FAMÍLIA COMO SISTEMA INTERACCIONAL

Do que precede, podemos deduzir que a família se encontra numa área sensível e vulnerável, face à procura constante de equilíbrio entre o indivíduo e a sociedade. Embora seja necessário ao indivíduo sentir da parte da família equilíbrio socioemocional e segurança ontológica, as diferentes influências que agem e retroagem no e sobre o sistema familiar provocam nele diferentes padrões de comunicação, os quais acabarão por determinar também formas interaccionais patológicas.

Quando as influências no ou sobre o sistema familiar provocam padrões de comunicação que alteram de forma negativamente incisiva a interacção na família, estamos perante padrões de comunicação patológica. A constância destes padrões na vida da família de forma rigidificada, comprometerá a relação familiar, e esta a adaptação social do indivíduo.

A desadaptação social pode ser vista como um desequilíbrio individual, ou, para usar a expressão de Durkheim, um processo anômico – um estado patológico. A patologia pessoal, mais cedo ou mais tarde, acaba por instalar-se na comunicação familiar e esta, por sua vez, marcará o tipo de relação familiar.

Porém, o significado deste conceito não inclui as apreciações médicas ou as apreciações individuais no sentido comum do termo. Ele reporta-se ao contexto familiar e comunicacional, sendo por isso relativo, não universal. Por esta razão, os comportamentos desviantes, cuja comunicação patológica lhes esteve subjacente no decurso do processo de socialização, só devem ser lidos em função do meio social e do contexto familiar em que foram gerados e produzidos, posição, aliás, consonante quer com os sociólogos estruturalistas quer com os sistémicos.

As patologias localizadas no sistema familiar são, com efeito, o objecto fulcral deste estudo. Como estas assentam num sistema de trocas comunicacionais, que servem de suporte à interacção, logo, a nossa preocupação centrou-se na determinação dos padrões de comunicação e, por consequência directa, também nos padrões contextuais da própria relação familiar.

Partindo da observação dos padrões de comunicação no sistema familiar podem deduzir-se, por isso, as regras e as estruturas do seu funcionamento. Como a comunicação é um processo social básico, sem o qual não é possível estabelecer uma relação, a ênfase dada neste estudo incidiu não somente no pai, na mãe ou nos filhos, enquanto sujeitos, mas na relação que caracterizou o sistema familiar. Assim sendo, estudar os padrões de comunicação mais não é do que uma forma particular de observar a sociedade e, neste caso, através da família.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

O conjunto destas preocupações deu origem a três grandes questões de pesquisa, que haveriam de nortear a condução do presente trabalho: (1) até que ponto terá sido o contexto familiar determinante nos padrões de comunicação da família do toxicodependente? (2) haverá uma relação entre os padrões de comunicação e os comportamentos desviantes dos toxicodependentes? (3) estarão as imagens parentais relacionadas com o contexto familiar e com os padrões de comunicação?

Para dar corpo a estas preocupações, o estudo incidiu sobre uma população de trinta toxicodependentes, vinte homens e dez mulheres, pertencente a duas comunidades terapêuticas do *Desafio Jovem*, todos eles com mais de três meses de programa de recuperação.

Os resultados deste percurso investigacional apoiam-se num conjunto de dados recolhidos nas mais diversas fontes: pesquisa bibliográfica exaustiva, observação directa prolongada nas comunidades terapêuticas estudadas, inquérito realizado mediante entrevista semidirectiva, e consulta, bem como conversas informais, aos diversos especialistas, no âmbito da droga e da toxicodependência.

ALGUNS RESULTADOS DO ESTUDO

Desta investigação, podemos globalmente concluir que os sistemas familiares estudados estiveram sob a influência de um conjunto de factores internos e externos que os levaram progressivamente ao desequilíbrio patológico.

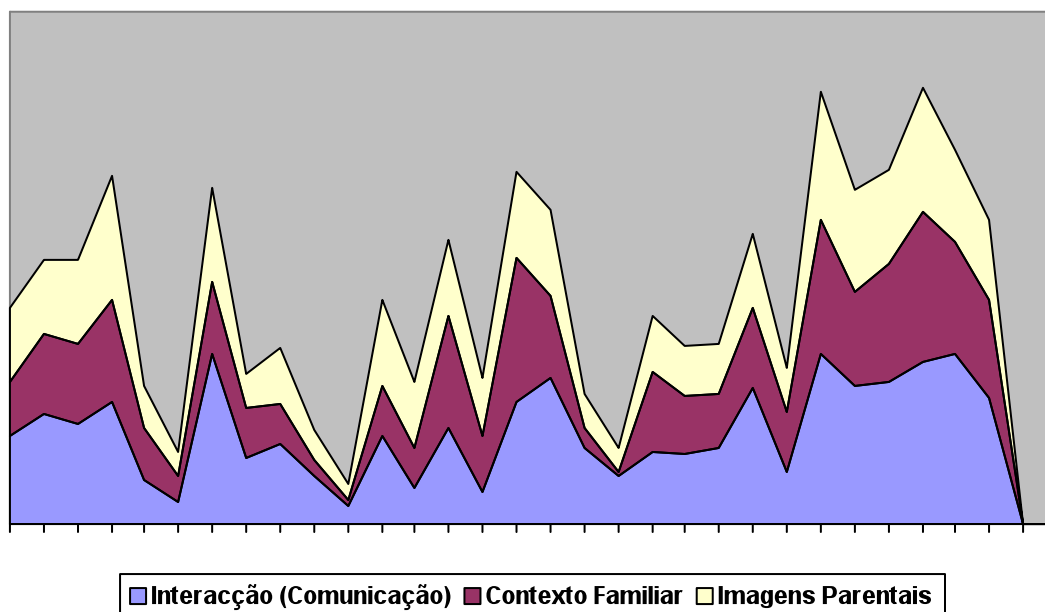
A desestabilização resultante deste desequilíbrio do sistema familiar agiu retroactivamente sobre os sujeitos que o constituíam, incluindo aqueles que vieram a fazer parte da população toxicod dependente por nós estudada.

Visto que os fenómenos sociais e humanos são circulares nas suas causas e efeitos, as famílias estudadas e a sociedade acabaram por ser atingidas pela desequilíbrio individual do próprio toxicod dependente, como se de um efeito de *boomrang* se tratasse.

A referida circularidade revela-se aqui em dois níveis de análise: microssociológico e macrossociológico. O primeiro abrange os processos ocorridos no interior da família; o segundo compreende os processos ocorridos no exterior da família, que constituem elementos de ligação entre esta e a sociedade global.

No que diz respeito aos internos, verifica-se a existência de uma inter-influência elevada dos processos e dos comportamentos relativos ao contexto familiar com os processos e comportamentos respeitantes à comunicação na família, bem como com as imagens parentais projectadas pelos toxicod dependentes (gráfico). A análise deste gráfico permite-nos perceber que as oscilações em qualquer uma das variáveis em presença é sempre acompanhada de variações nas restantes, o que significa que nenhuma delas se pode explicar por si mesma, mas pela relação que tem com cada uma das outras.

Gráfico
Correlação das Variáveis



No que se refere aos processos externos, constata-se a ocorrência elevada de um conjunto de comportamentos desviantes por parte do toxicodependente, correlacionados com os problemas advindos à família na sua relação com a sociedade. Não só o toxicodependente viu a sua vida destruída, com implicações e complicações diversas com a sociedade, como também a família sofreu com o seu problema e com as consequências sociais que sobre ela se abateram.

Numa visão cibernética e sistémica, podemos dizer que: os problemas internos da família agiram sobre o indivíduo e este sobre o meio social; o meio social, por sua vez, agiu de novo sobre o toxicodependente que, por sua vez, agiu também sobre a família e esta, de novo, sobre o toxicodependente. E assim indefinidamente, até à ruptura.

Podemos, se quisermos, pôr estes problemas em termos de causalidade: alguma coisa deu origem a alguma coisa. Todavia, trata-se não de uma causalidade linear, mas de uma causalidade circular, como já afirmámos, em que os processos e os comportamentos são causa e, simultaneamente, efeito uns dos outros.

Sobressai desta inter-influência e desta circularidade uma relação acentuada das imagens parentais com os processos de comunicação e com as ocorrências do contexto familiar. Estatisticamente, esta inter-influência exprime-se por índices de correlação, que se situam entre 0.79 e 0.86, quando o valor mínimo da escala é -1 e o máximo é 1 (Diagrama).

Diagrama Posicionamento dos Coeficientes de Correlação

<i>Tipos de Correlação</i>	<i>Valores da Escala</i>
Positiva Perfeita	+ 1.00
Positiva Forte	+ 0.75
Positiva Média	+ 0.50
Positiva Fraca	+ 0.25
Linear Inexistente	0.00
Negativa Fraca	- 0.25
Negativa Média	- 0.50
Negativa Forte	- 0.75
Negativa Perfeita	- 1.00

As perturbações ocorridas no contexto familiar levaram a bloqueios nos processos de comunicação entre os pais e, muito especialmente, entre estes e os filhos. Como os bloqueios se prolongaram no tempo, deram origem a estruturas interaccionais rígidas, as quais vieram a assumir padrões de comunicação patológica.

Face à interdependência do contexto familiar e do processo de comunicação, os efeitos negativos dos padrões de comunicação patológica agiram sobre o próprio contexto familiar, e muito especialmente sobre as imagens parentais.

Os fenómenos ocorridos no interior destas famílias não foram mutuamente exclusivos. Com efeito, todos os indivíduos estudados apresentam simultaneamente padrões de contexto familiar pobre e padrões de contexto familiar rico, bem como padrões de comunicação normal e padrões de comunicação patológica, padrões de imagem positiva e padrões de imagem negativa (Gráfico).

Mas na situação em análise, foram os padrões pobres, os patológicos e os negativos que nos interessaram destacar. E, neste sentido, o que varia em todas as famílias é a intensidade destes padrões. Como a correlação das três variáveis em causa é positiva (no sentido estatístico) os valores da sua intensidade variam no mesmo sentido: a um aumento da degradação das condições do contexto familiar corresponde um aumento das dificuldades de interacção. Igualmente, a um aumento das dificuldades de interacção corresponde um aumento da forma negativa como os filhos vêem os pais.

Os problemas resultantes do contexto familiar e as dificuldades dos problemas de interacção afectaram todas as famílias. No entanto, as dificuldades mais sentidas pelos indivíduos estudados situam-se ao nível da interacção (da comunicação).

Ou seja, tomando como patamar de aferição o Padrão Fraco (25%), verifica-se que acima deste patamar há 87 por cento dos indivíduos com padrões de comunicação patológica, enquanto que há 80 por cento de indivíduos com padrões de imagem negativa e 77 por cento com padrões de contexto pobre (Quadros 1, 2 e 3).

Quadro 1
Padrões de Contexto Pobre na Família

Padrões de Contexto Pobre	Escala (percentagem)	Número de Indivíduos
Perfeito	100	→ 3
Forte	75	→ 6
Médio	50	→ 14 ←
Fraco	25	→ 7
Neutro	0	

Quadro 2
Padrões de Comunicação Patológica na Família

Padrões de Comunicação Patológica	Escala (percentagem)	Número de Indivíduos
Perfeito	100	→ 8
Forte	75	→ 8
Médio	50	→ 10 ←
Fraco	25	→ 4
Neutro	0	

Quadro 3
Padrões de Imagem Negativa

Padrões de Imagem Negativa	Escala (percentagem)	Número de Indivíduos
Perfeito	100	→ 1
Forte	75	→ 10
Médio	50	→ 13 ←
Fraco	25	→ 6
Neutro	0	

Pormenorizando um pouco mais, ao nível do contexto familiar, dos aspectos que mais afectaram os indivíduos, destacam-se as discussões havidas entre os pais, seguidas da falta de cordialidade entre eles e de uma atmosfera de medo no lar. As necessidades económicas e a falta de harmonia no lar marcaram também a vida dos toxicodependentes (Quadro 4).

Quadro 4
Indicadores do Contexto Familiar Negativos

Indicadores Negativos	Valores
Discussões entre os pais	0,78
Cordialidade entre os pais	0,54
Atmosfera de confiança no lar	0,54
Necessidades económicas no lar	0,52
Ambiente de harmonia no lar	0,51

Ao nível da interacção, dos factores que mais marcaram os sujeitos estudados salientam-se a falta de diálogo entre os pais, entre os pais e os filhos, mas também a falta de verdade no diálogo entre os pais, entre os pais e os filhos e entre estes e os pais. A rejeição da comunicação entre os pais, como também a rejeição da comunicação dos filhos e a aceitação passiva por parte de um dos pais, foi para os filhos problemático. Mas problemático foi também o que os pais diziam dos filhos e o contexto em que isso ocorria (Quadro 5).

Quadro 5
Indicadores de Interacção Negativos

<i>Indicadores Negativos</i>	<i>Valores</i>
Frequência de diálogo entre os pais	0,57
Frequência de diálogo entre pais e filhos	0,80
Verdade no diálogo entre os pais	0,53
Verdade no diálogo entre pais e filhos	0,57
Verdade no diálogo entre filhos e pais	0,97
Aceitação da comunicação entre os pais	0,50
Aceitação da comunicação dos filhos pelos pais	0,53
Referências feitas pelos pais aos filhos (ao nível do conteúdo)	0,50
Referências feitas pelos pais aos filhos (ao nível da relação)	0,50

Quanto às imagens parentais, o que mais marcou os toxicodependentes foi a imagem do pai, visto ser este definido como conservador, autoritário, fechado consigo próprio,

distante, dominador, sem tempo para ajudar os filhos, ríspido e desinteressado por o que eles faziam, por oposição à mãe, como se constata nos Quadros 6 e 7.

Quadro 6
Imagens Paterna*

Ordem	Perfil do Pai
1º	Conservador
2º	Autoritário
3º	Fechado consigo
4º	Distante
5º	Dominador
6º	Nunca tinha tempo para ajudar os filhos
7º	Ríspido
8º	Desinteressado por aquilo que os filhos faziam

* O indicador é associado ao perfil, do pai ou da mãe, em função do valor mais elevado.

Quadro 7*
Imagem Materna

Ordem	Perfil da Mãe
1º	Sempre pronta a ajudar os filhos
2º	Meiga
3º	Interessada por aquilo que os filhos faziam
4º	Afectuosa
5º	Dialogante
6º	Liberal
7º	Submissa
8º	Flexível

* O indicador é associado ao perfil, do pai ou da mãe, em função do valor mais elevado.

Em termos de consequências sociais, ao nível individual, podemos resumir os problemas financeiros que afectaram os toxicodependentes, os problemas de ordem social que sobre eles recaíram, os problemas afectivos que os atingiram e o insucesso pessoal que acabou por pautar as suas vidas, para além da própria toxicodependência em todos eles (Quadro 8).

Quadro 8
Consequências Individuais da Toxicodependência

PROBLEMAS FINANCEIROS	
✓ Dívidas não satisfeitas	93%
✓ Viver à custa de outrem	50%
PROBLEMAS DE ORDEM SOCIAL	
✓ Furtos	90%
✓ Assaltos a pessoas e bens	50%
✓ Problemas com a polícia	70%
✓ Tráfico de droga	70%
PROBLEMAS AFECTIVOS	
✓ Desprezo de amigos, família e vizinhos	60%
✓ Perda de amigos	83%
INSUCESSO INDIVIDUAL	
✓ Perda de anos consecutivos na escola	63%
✓ Despedimento do emprego	57%
(TOXICODEPENDÊNCIA)	(100%)

Ao nível familiar, podemos referir os problemas de ordem social e os problemas afectivos que sobrevieram às famílias, em virtude do percurso de vida dos seus filhos (Quadro 9).

Quadro 9
Consequências Familiares da Toxicodependência

PROBLEMAS DE ORDEM SOCIAL	
✓ Problemas com a polícias	60%
PROBLEMAS AFECTIVOS	
✓ Problemas com familiares	50%

Dado que a relação familiar ficou afectada, quer pelas condições que caracterizaram o contexto familiar, quer pelas barreiras que dificultaram o processo de comunicação, estas reflectiram-se na desorganização e na desadaptação social dos filhos, pois todos os indivíduos estudados apresentam, para além da toxicodependência, uma ou outra forma de comportamento desviante.

A desorganização e a desadaptação social espelhou-se na desagregação pessoal dos toxicodependentes, no seu insucesso afectivo, escolar e profissional. Por outro lado, evidenciam-se nestes indivíduos as várias formas de criminalidade, as quais conduziram aos consequentes problemas com os agentes da autoridade e com a comunidade em geral.

A terminar, resta apresentar dois pensamentos que, ainda que diferentes, se completam: a investigação sobre este problema e a solução prática para o mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto à investigação, é de referir que este trabalho se caracteriza por ser um estudo de caso, aprofundado em trinta toxicodependentes. Por isso, não poderia, pela sua natureza, vir a ser um estudo extensivo, logo de cariz quantitativo e representativo de um qualquer universo.

Com ele, pretendeu-se estudar padrões de contexto familiar e padrões de comunicação, e nesse sentido usaram-se metodologias quantitativas, sem no entanto ser um estudo de carácter quantitativo. Mas pretendeu-se igualmente aprofundar o sentido dado pelos entrevistados às suas respostas e motivações, e por isso mesmo o uso de metodologias qualitativas, sem que no entanto possamos considerar este estudo exclusivamente de carácter qualitativo.

Pelas razões apontadas, torna-se necessário, do ponto de vista sociológico, continuar estes estudos, tanto quantitativos, como qualitativos, quer para um melhor conhecimento deste problema, quer para aperfeiçoamento de metodologias e validação de resultados.

Quanto à solução prática para estes problemas, diríamos que não há uma única solução, mas várias soluções. Umas com maior ou menor eficácia, outras com mais ou menos custos financeiros, outras exigindo mais ou menos motivação ou fé. Umas continuando a tratar o toxicodependente no meio em que ele sempre viveu, outras retirando-o para meios ambientais diferentes dos habituais. Umas substituindo a droga por outras drogas farmacológicas, outras substituindo a droga por outras *drogas* do espírito.

Não é intenção deste trabalho fornecer soluções para o problema da toxicodependência; também não é seu objectivo fazer a apologia a este ou àquele método de tratamento. Passados alguns anos sobre a realização do mesmo, apetece-nos enunciar algumas questões muito simples, mas que, por certo, não deixarão de ser complexas.

Será a toxicodependência um problema médico? Um problema de saúde mental? Um problema do foro judicial? Um problema económico? Um problema educacional? De cultura? De trabalho? Do espírito? etc, etc.? Talvez tudo isto, e nada disto. Com efeito, a forma como a sociedade representa este problema assim também ela propõe as soluções que julga convenientes e adequadas para o mesmo e os remete para determinadas tutelas políticas e profissionais.

Os resultados desta investigação, apesar de alguma profundidade, apenas nos revelam a superficialidade do problema. Por isso, tomamos a ousadia de avançar com uma preocupação em jeito de hipótese para futuros trabalhos de investigação sociológica. Não estará a toxicodependência relacionada com o universo axiológico que rege a vida das sociedades modernas, e que Durkheime definiu como processos anómicos? Não serão, por

isso mesmo, patologias sociais a montante, e não patologias individuais, como por vezes se quer fazer crer?

Queríamos aqui deixar, no entanto, uma mensagem de esperança, mesmo sem apontarmos um caminho. O conhecimento dos processos é, com frequência, a melhor medida para resolver os problemas, quer por antecipação, quer por recurso. Se retirarmos da toxicodependência os estereótipos que as instituições e as classes profissionais lhe querem dar e a virmos como um fenómeno eminentemente social, não será de fazermos um retorno à sua proveniência para melhor a entendermos?

Ou seja, se a toxicodependência é um problema essencialmente social, será que a solução não radica na própria sociedade que o gerou? Talvez valha a pena pensarmos na hierarquia de valores que queremos para nós e para os que nos hão-de seguir. Se assim for, não será em vão rever o papel da família, da escola e dos meios de comunicação social no processo de socialização.

É que, os indivíduos não se tornam pessoas a partir do nada e do vazio. É na relação com o meio envolvente que cada sujeito, ainda que dependente desse meio, se torna progressivamente autónomo. O sujeito constrói-se na relação que tem com o meio social, nele forma a sua identidade pessoal e social e nele tece as malhas da sua personalidade. Se o meio social é estruturalmente anómico, que poderemos nós esperar de indivíduos que provêm dessa mesma sociedade?

Que autonomia pode ter um sujeito se a sociedade não lhe criou as condições do seu desenvolvimento humano e social e, ainda por cima, lhe alimenta e reforça as condições de dependência, dando-lhe a ilusão de que a sua desorganização pessoal faz parte da normalidade da vida em sociedade?

Finalmente, que modelos estratégicos queremos nós adoptar na resolução dos problemas da toxicodependência, e quais deles queremos passar às novas gerações para que no futuro possam também elas precaver-se e resolver os seus próprios problemas?

Talvez valha a pena reflectir sobre a importância de uma ética pessoal a desenvolver com os adolescentes e os jovens, para que possam decidir sobre as suas vidas com consciência, pautada por um quadro de valores hierarquizados. Mas também não devemos pôr de lado a ideia de uma reflexão sobre uma ética social e profissional, que possa reenquadrar a problemática da toxicodependência, pondo este processo social no respectivo lugar, para que possamos desta forma combatê-la sem lentes distorçoras que conduzam à ineficácia e ao oportunismo.

Gráfico Correlação das Variáveis

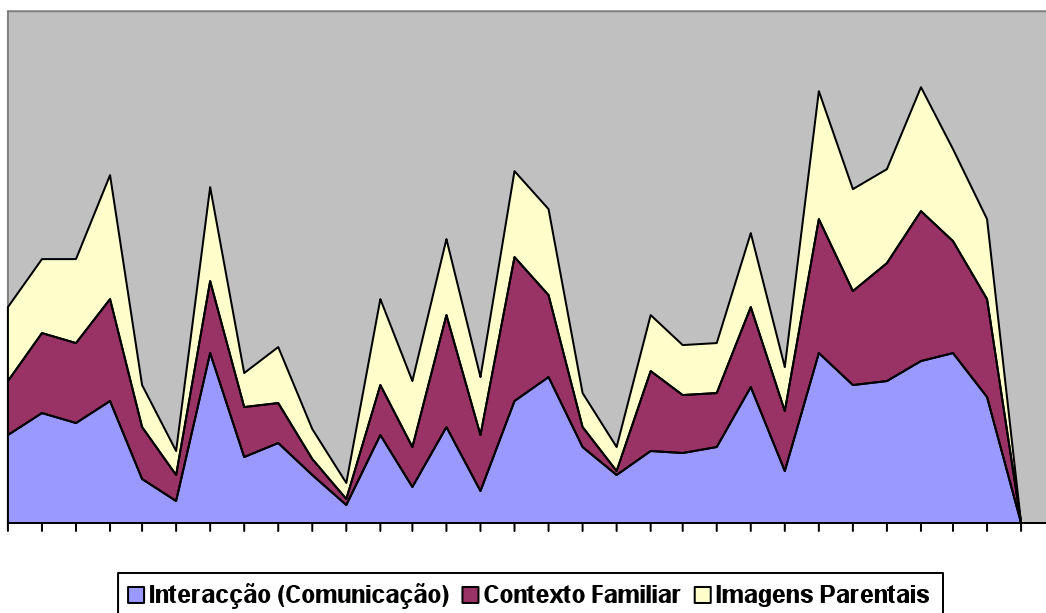
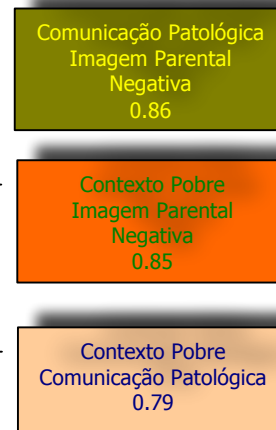


Diagrama Posicionamento dos Coeficientes de Correlação

<i>Tipos de Correlação</i>	<i>Valores da Escala</i>
Positiva Perfeita	+ 1.00
Positiva Forte	+ 0.75
Positiva Média	+ 0.50
Positiva Fraca	+ 0.25
Linear Inexistente	0.00
Negativa Fraca	- 0.25
Negativa Média	- 0.50
Negativa Forte	- 0.75
Negativa Perfeita	- 1.00



Quadro 1
Padrões de Contexto Pobre na Família

Padrões de Contexto Pobre	Escala (percentagem)	Número de Indivíduos
Perfeito	100	→ 3
Forte	75	→ 6
Médio	50	→ 14 ←
Fraco	25	→ 7
Neutro	0	

Quadro 2
Padrões de Comunicação Patológica na Família

Padrões de Comunicação Patológica	Escala (percentagem)	Número de Indivíduos
Perfeito	100	→ 8
Forte	75	→ 8
Médio	50	→ 10 ←
Fraco	25	→ 4
Neutro	0	

Quadro 3
Padrões de Imagem Negativa

Padrões de Imagem Negativa	Escala (percentagem)	Número de Indivíduos
Perfeito	100	→ 1
Forte	75	→ 10
Médio	50	→ 13 ←
Fraco	25	→ 6
Neutro	0	

Quadro 4
Indicadores do Contexto Familiar Negativos

Indicadores Negativos	Valores
Discussões entre os pais	0,78
Cordialidade entre os pais	0,54
Atmosfera de confiança no lar	0,54
Necessidades económicas no lar	0,52
Ambiente de harmonia no lar	0,51

Quadro 5
Indicadores de Interação Negativos

<i>Indicadores Negativos</i>	<i>Valores</i>
Frequência de diálogo entre os pais	0,57
Frequência de diálogo entre pais e filhos	0,80
Verdade no diálogo entre os pais	0,53
Verdade no diálogo entre pais e filhos	0,57
Verdade no diálogo entre filhos e pais	0,97
Aceitação da comunicação entre os pais	0,50
Aceitação da comunicação dos filhos pelos pais	0,53
Referências feitas pelos pais aos filhos (ao nível do conteúdo)	0,50
Referências feitas pelos pais aos filhos (ao nível da relação)	0,50

Quadro 6
Imagens Paterna*

Ordem	Perfil do Pai
1º	Conservador
2º	Autoritário
3º	Fechado consigo
4º	Distante
5º	Dominador
6º	Nunca tinha tempo para ajudar os filhos
7º	Ríspido
8º	Desinteressado por aquilo que os filhos faziam

* O indicador é associado ao perfil, do pai ou da mãe, em função do valor mais elevado.

Quadro 7*
Imagem Materna

Ordem	Perfil da Mãe
1º	Sempre pronta a ajudar os filhos
2º	Meiga
3º	Interessada por aquilo que os filhos faziam
4º	Afectuosa
5º	Dialogante
6º	Liberal
7º	Submissa
8º	Flexível

* O indicador é associado ao perfil, do pai ou da mãe, em função do valor mais elevado.

Quadro 8
Consequências Individuais da Toxicodependência

PROBLEMAS FINANCEIROS	
✓ Dívidas não satisfeitas	93%
✓ Viver à custa de outrem	50%
PROBLEMAS DE ORDEM SOCIAL	
✓ Furtos	90%
✓ Assaltos a pessoas e bens	50%
✓ Problemas com a polícia	70%
✓ Tráfico de droga	70%
PROBLEMAS AFECTIVOS	
✓ Desprezo de amigos, família e vizinhos	60%
✓ Perda de amigos	83%
INSUCESSO INDIVIDUAL	
✓ Perda de anos consecutivos na escola	63%
✓ Despedimento do emprego	57%
TOXICODEPENDÊNCIA	(100%)

Quadro 9
Consequências Familiares da Toxicodependência

PROBLEMAS DE ORDEM SOCIAL	
✓ Problemas com a policias	60%
PROBLEMAS AFECTIVOS	
✓ Problemas com familiares	50%